

AMÓS OZ
com Shira Hadad

Do que é feita a maçã

*Seis conversas sobre amor, culpa
e outros prazeres*

Tradução do hebraico
Paulo Geiger



Copyright © 2018 by Amós Oz e Shira Hadad

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Mimá Assui hatapuach [מימה עשי הפתוחה]

Capa

Kiko Farkas/ Máquina Estúdio

Ilustração de capa

Kiko Farkas

Preparação

Ana Cecília Agua de Melo

Revisão

Huendel Viana

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oz, Amós, 1939-2018.

Do que é feita a maçã : seis conversas sobre amor, culpa e outros prazeres / Amós Oz, Shira Hadad ; tradução do hebraico Paulo Geiger.
— 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2019.

Título original: מה עשי [Mimá Assui hatapuach].
ISBN 978-85-359-3212-6

1. Escritores israelenses 2. Literatura – Diálogos 3. Literatura israelense
4. Oz, Amós, 1939-2018 I. Hadad, Shira. II. Título.

19-23844

CDD-956.053

Índice para catálogo sistemático:

1. Escritores israelenses : Diálogos 956.053

Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

1.	Coração trespassado por uma flecha	9
2.	Às vezes	41
3.	Um quarto que é só seu	81
4.	Quando batem em seu filho	104
5.	O que nenhum escritor pode fazer	125
6.	Faz tempo que as luzes do sinal de trânsito mudam sem nossa ajuda	144
	<i>Fontes</i>	165
	<i>Agradecimentos</i>	167

Na primavera de 2014, quando eu estava editando *Judas*, de Amós Oz, começamos a conversar. Após a publicação do livro, no verão daquele mesmo ano, descobrimos que a conversa não havia terminado. Continuamos a nos encontrar na casa dele e falamos sobre livros e autores, sobre inspiração e influência, sobre hábitos de escrita e sentimentos de culpa, sobre casamento e paternidade. Depois de algumas semanas passamos da sala de estar para o escritório, e sobre a mesa, entre nós dois, pusemos um gravador.

Acumulamos dezenas de horas de gravação, que resultaram neste livro. As conversas aqui presentes não estão na ordem cronológica em que aconteceram, e nem todo capítulo do livro é transcrição de uma conversa que começou e terminou no mesmo dia. Voltávamos aos temas que continuavam a nos incitar, ampliávamos, encurtávamos, e compusemos poemas separados, que se entremearam. No decorrer desse trabalho conjunto, ficamos amigos. Os capítulos deste livro não são entrevistas jornalísticas, e sim fruto de um continuado diálogo, expressão da amizade e da proximidade que se criaram ao longo de extenso período.

Há muitos temas nos quais nem sequer tocamos. Nenhum de nós dois pensou que o livro deveria ser “abrangente”. No verão de 2017 foi publicado o livro de ensaios *Mais de uma luz*. Seus três capítulos se sobreponham, em parte, às nossas conversas de matiz mais político, e decidimos suprimi-las deste livro. Outras conversas, com caráter mais ensaístico do que as que aqui se apresentam, serão incluídas em outro livro, pessoal e biográfico, a ser publicado no ano que vem, *Kacha hitgabesh Mimá assui hatapuach* [literalmente: Assim se consolidou *Do que é feita a maçã*]: um possível retrato de Amós Oz, como se revelou a mim nos anos recentes.

Shira Hadad
Maio de 2018

1. Coração trespassado por uma flecha

O que impulsiona a sua mão quando escreve?

No pátio do ginásio Rechavia, em Jerusalém, havia um eucalipto no qual alguém tinha gravado um coração trespassado por uma flecha. No coração trespassado, dos dois lados da flecha, estava escrito: Gadi — Ruti. Lembro que já então, eu tinha talvez uns treze anos, pensei: com certeza quem fez isto foi esse Gadi, não Ruti. Por que fez isso? Ele não sabia que amava Ruti? Ela não sabia que ele a amava? E parece que já então eu disse comigo mesmo: talvez algo dentro dele soubesse que isso ia passar, que tudo passa, que esse amor ia acabar. Ele quis deixar alguma coisa. Quis que restasse uma lembrança desse amor quando ele passasse. E isso é muito parecido com o ímpeto de contar histórias, escrever histórias; salvar alguma coisa das garras do tempo e do esquecimento. Sem falar no desejo de dar uma segunda oportunidade àquilo que não terá nunca mais uma segunda oportunidade. Isso também. As forças que impulsionam esta mão que escreve são também o desejo de que não se apaguem, que não sejam como se não tivessem sido — não necessariamente coisas pessoais que me

aconteceram. A mim, por exemplo, nunca contrataram para morar no sótão de uma casa antiga e falar durante horas, mediante pagamento, com um velho aleijado, como aconteceu com Shmuel Ash em *Judas*. Isso não aconteceu comigo. Mas em Jerusalém havia pessoas cuja fala lembrava um pouco a de Gershom Wald. Havia, e agora não há. Uma das coisas que desejei foi que isso não fosse esquecido. Essa Jerusalém de gente instruída e de cabeça ardente, que tem um pé em Brenner, outro na Bíblia hebraica, e um pé no quintal de Ben Gurion, outro em Nietzsche, e mais um pé em Dostoiévski, ou Jabotinsky.*

E você sente que suas motivações para escrever têm mudado no decorrer dos anos, ou são basicamente as mesmas?

Eu não sei, Shira, acho que são as mesmas, mas não tenho certeza. Quase nunca me pergunto quais são minhas motivações para escrever. Quando me sento aqui antes das cinco horas da manhã, depois da caminhada pelas ruas desertas, com o primeiro café, nunca me pergunto quais são as motivações. Simplesmente escrevo.

Mas você se pergunta de onde vem a história?

Sim, sim, às vezes pergunto, e nem sempre tenho uma resposta. Vou te contar algo que tem relação com o que você me perguntou. Uma vez traduzi um poema russo de Ana Akhmátova, mas o traduzi do inglês, da versão de Stephen Berg, pois não

* Iossef Haim Brenner (1881-1921), escritor, um dos pioneiros da literatura hebraica moderna. David Ben Gurion (1886-1973), ativista sionista e líder do movimento sionista na Palestina, leu a proclamação da independência de Israel e foi seu primeiro primeiro-ministro. Zeev Jabotinsky (1880-1940), líder de uma facção de direita do movimento sionista. [Esta e as demais notas chamadas por asterisco são do tradutor. As notas numeradas são referentes às fontes, que estão listadas ao fim do volume.]

sei russo. Ele tem a ver exatamente, exatamente mesmo, com a sua pergunta. Eu o datilografei na máquina de escrever, numa época em que ainda não havia computador. E é assim que esse poema termina:

*E às vezes fico sentada. Aqui. Ventos do mar gelado
sopram por minhas janelas abertas. Não me levanto, não
as fecho. Deixo o ar me tocar. Congelo.
Crepúsculo vespertino ou aurora, as mesmas nuvens brilhantes.
Um pombo bica um grão de trigo em minha mão estendida,
e esta amplidão, sem fronteiras, da brancura das páginas na
[coluna em que escrevo —
Um solitário e nebuloso impulso ergue minha mão direita, me
[conduz,
muito mais antigo do que eu, ele vem e desce,
azul como um olho, sem deus, e começo a escrever.*

Isso é lindo.

Não sou tradutor, mas este poema eu quis traduzir do inglês. Talvez em russo seja ainda mais bonito, não sei.

Às vezes me pergunto de onde vêm as histórias, e não me sinto muito capaz de responder. Veja, por um lado eu sei, sim, pois tenho vivido a vida toda uma vida de espião. Isso está escrito em *De amor e trevas*. Ouço conversas que não são minhas, olho para pessoas estranhas, e quando estou na fila do posto de saúde, ou na estação ferroviária, ou no aeroporto — nunca fico lendo jornal. Em vez de ler um jornal eu ouço o que as pessoas estão falando, surrupio pedaços de conversas e as completo. Ou olho para as roupas, ou para os sapatos — os sapatos sempre me contam muitas coisas. Olho para as pessoas, presto atenção.

Meu vizinho em Hulda, Meir Sibahi, dizia: toda vez que passo pela janela do quarto em que o Amós escreve eu me detengo

um momento, pego um pente e me penteio, pois se eu entrar numa história do Amós, quero entrar penteado. Tremendamente lógico, mas não é assim que funciona comigo. Vamos dizer, sei lá... uma maçã. Tome uma maçã. Do que é feita a maçã? Água, terra, sol, uma macieira e um pouco de adubo. Mas ela não se parece com nenhuma dessas coisas. É feita delas, mas não se parece com elas. Assim é uma história, que com certeza é feita de uma soma de encontros e experiências e atenções.

Meu primeiro impulso é o de adivinhar o que eu sentiria se fosse ele, o que sentiria se fosse ela: o que estaria pensando? O que estaria querendo? Do que eu me envergonharia? O que, por exemplo, seria para mim importante que ninguém no mundo soubesse a meu respeito? O que eu vestiria? O que comeria? Essas perguntas sempre me acompanharam, ainda antes de eu começar a escrever histórias, desde a infância. Eu era filho único e não tinha amigos. Meus pais me levavam ao café na rua Ben Lehuda, em Jerusalém, e me prometiam um sorvete se eu ficasse quietinho enquanto eles conversavam com os amigos deles. E sorvete era então coisa rara em Jerusalém. Não porque fosse muito caro, mas porque todas as nossas mães, de ponta a ponta, religiosas e seculares, sefaraditas ou asquenazitas, tinham como além de qualquer dúvida que sorvete é inflamação na garganta, e inflamação é infecção, e infecção é gripe, e gripe é angina, e angina é bronquite e bronquite é pneumonia e pneumonia é tuberculose. Resumindo — era ou sorvete ou filho.

Mas assim mesmo me prometiam que daquela vez me comprariam um sorvete se não os perturbasse enquanto conversavam. E eles conversavam lá com os amigos deles pelo menos 77 horas sem interrupção. Eu, para não enlouquecer de tanta solidão, simplesmente comecei a espionar os que estavam nas mesas vizinhas. Captava trechos de conversas, ficava olhando, quem pedia o quê ao garçom? Quem pagava? Tentava adivinhar quais eram os laços entre aquelas pessoas em torno da mesa vizinha,

tentava até mesmo imaginar, de acordo com seu aspecto e sua linguagem corporal, de onde vinham, como era a casa deles. Faço isso até hoje. Mas não se trata de eu tirar uma foto, voltar para casa, revelar o filme, e temos aí uma história. No trajeto tem muita coisa rolando. Por exemplo, em *A caixa-preta*, tem um rapaz que tem o hábito de coçar a orelha direita com a mão esquerda, passando-a por trás da cabeça. E uma mulher me perguntou de onde eu tinha tirado isso. Pois ela também conhecia alguém que coçava a orelha direita com a mão esquerda por trás da cabeça. Eu respondi que tinha quase certeza de que tinha visto isso alguma vez e ficou gravado em mim, mas onde tinha visto? Você vai me matar, mas eu não sei. Veio de alguma lembrança remota, não veio do ar, mas não tenho ideia de onde foi.

Sabe o quê, vou te dizer uma coisa, quando escrevo um artigo geralmente escrevo porque estou com raiva. A força propulsora principal é o fato de estar com raiva de alguma coisa. Porém, quando escrevo uma história, uma das coisas que impulsionam esta mão é a curiosidade. Uma curiosidade impossível de satisfazer. Fico tremendamente curioso por entrar na pele das pessoas. E acho que a curiosidade não só é uma condição necessária a todo trabalho intelectual, é também uma qualidade moral. Talvez seja também a dimensão moral da literatura.

Venho discutindo isso com o A. B. Yehoshua, que coloca a questão moral na linha de frente da criação literária: crime e castigo. Eu penso que há uma dimensão moral em outro sentido: a de se pôr, você mesmo, por algumas horas, debaixo da pele de outra pessoa, ou dentro dos sapatos de outra pessoa. Isso tem um peso moral indireto, não tão grande assim, não vamos exagerar. Mas eu realmente acho que um homem curioso é um cônjuge um pouco melhor do que um homem não curioso, e também um pai um pouco melhor. Não ria de mim, mas penso que um homem curioso é até mesmo um motorista um pouco melhor na rua ou na estrada do que um homem não curioso, porque ele se pergun-

ta o que quem está dirigindo na faixa paralela é capaz de fazer de repente. Me parece que o homem curioso é também um amante muito melhor do que um homem que não tem curiosidade.

Você se refere, com razão, à curiosidade como sendo uma qualidade humanística. Mas existe também uma outra curiosidade, quase o contrário dessa, como a do menino que dissecava uma ave para saber como é por dentro. Na sua opinião, uma literatura feita a partir de uma curiosidade que apresenta o próximo de maneira ofensiva, que às vezes beira o sadismo, pode ser uma grande literatura?

De fato. Não se pode esquecer que também existe uma curiosidade sombria, capciosa. Nós a encontramos tanto em crianças quanto em adultos e em escritores. Curiosidade de pessoas que se agrupam em volta de alguém ferido para ver seu sofrimento e ter prazer com isso. Obras nas quais o escritor está aferrado ao mal e até encantado com ele; por exemplo, *Otelo*, de Shakespeare, ou *Viagem ao fim da noite*, de Céline, também têm uma dimensão moral. Porque elas desafiam o leitor, ou despertam nele anticorpos morais.

E no seu caso, em seus livros, existe às vezes uma curiosidade sombria desse tipo? Na minha opinião, sim.

Claro que existe. Por exemplo, as descrições detalhadas de estertores de agonia no conto “Derech haruach” [O caminho do vento], ou as descrições de sadismo, de torturas e crueldades no conto “Ad mavet” [Até a morte].

Hoje você é um escritor muito conhecido, as pessoas o reconhecem. Essa questão do “ contato com a realidade” fica mais problemática com o passar do tempo?

Não. Raramente sou reconhecido nos lugares em que fico observando as pessoas. Se vou a um restaurante, às vezes me reco-

nhecem. Se estou na universidade, me reconhecem. Na oficina mecânica ou na fila do posto de saúde quase nunca me reconhecem. Acontece às vezes de alguém dizer: você não é aquele da televisão? Você já não foi uma vez membro do Parlamento? Acontece. Às vezes, motoristas de táxi. Mas de modo geral as pessoas não me reconhecem. Quando estou no exterior, de jeito nenhum. E nos últimos anos, quando chego a uma cidade no estrangeiro, já não vou a museus, pois os joelhos me doem. Tampouco vou ver os lugares famosos, porque já vi o suficiente. Num café, me sento do lado de fora, e se estiver fazendo frio, numa varanda envidraçada. Sou capaz de ficar sentado sozinho duas ou três horas, olhando para estranhos. Existe algo mais interessante que isso?

E quando você volta do café ou da fila no posto de saúde para sua escrivaninha, existem rituais fixos relacionados à escrita?

Veja, não vou te contar tudo com o gravador ligado. Sem o gravador talvez eu conte mais. Não tudo. Meu ritual consiste em que tudo esteja em seu lugar. O tempo todo, que tudo esteja em seu lugar. Isso amargura a vida da minha família. O tempo todo eu ponho coisas em seu lugar. Alguém começa a tomar um café, Nili, minhas filhas, meu filho, os netos, até mesmo visitas, começam a tomar um café, interrompem por um instante, vão atender o telefone, quando voltam seu café já foi derramado na pia, a xícara foi lavada e emborcada no escorredor.

É difícil se comportar assim numa casa onde há crianças, onde havia crianças.

Sempre ficavam zangados comigo. Tudo que estivesse sobre superfícies era logo removido de lá: chaves, documentos, cartas, bilhetes, qualquer coisa sobre uma superfície ia rapidinho para dentro de uma gaveta. Sem misericórdia.

Sim, estou vendo como suas gavetas estão carregadas.

Ouça, meu pai era bibliotecário, meu genro foi bibliotecário, minha cunhada é bibliotecária, minha mulher é arquivista. Então, o que é que você queria? Até o meu gato arruma a comida dele no prato. E se ele não arrumar, eu arrumo para ele.

Não creio que eu tenha rituais para escrever. Talvez nos outros eu considerasse como rituais. No meu caso são hábitos de trabalho. Meu dia começa cedo. É muito raro em minha vida que tenha escrito algo durante a noite. Mesmo que eu não durma à noite, não escrevo. Só de manhã. Houve um tempo em que era totalmente dependente de cigarros. Não conseguia escrever uma só linha sem fumar, e era muito difícil separar a escrita do fumo. Foi muito difícil, mas já superamos isso.

Você escreve à mão ou no computador?

Escrevo muitos rascunhos à mão. Não copio de um rascunho para outro, e sim escrevo um trecho e ponho na gaveta, escrevo novamente e novamente ponho na gaveta, e escrevo outra versão da mesma cena. Quando na gaveta há quatro, cinco, às vezes até mesmo dez versões, eu tiro todas, faço com elas uma longa fileira sobre a mesa e aproveito alguma coisa de cada uma, e talvez esta seja a versão corrigida, que eu mesmo digito com dois dedos neste computador aqui.

E antes de escrever, você faz as suas caminhadas matinais.

Sim. Todo dia, menos quando chove torrencialmente, ou quando o ar está tão cheio de poeira, como hoje, que fica impossível respirar. Caminhar ajuda a pôr as coisas em proporção. O que é mais importante? O que não é importante? O que será esquecido em alguns dias? E o que, talvez, não será esquecido? Eu caminho até mesmo antes do café. Me levanto, tomo um banho de chuveiro, me barbeio e saio. Às quatro e quinze já estou na rua,

quinze para as cinco estou de volta; pouco antes das cinco, lá fora a escuridão ainda é total, eu já estou com um café bem forte junto a esta mesa. Este é o meu horário. Este é todo o ritual.

Wislawa Szymborska tem um poema chamado “Quatro da manhã”, no qual ela escreve: “Ninguém se sente bem às quatro da manhã”.¹ Ela tem razão. Quatro da manhã é terrível!

Sra. Szymborska, é uma pena que a senhora e eu não nos conhecemos, eu teria te convidado para um café e talvez te mostrasse os encantos das quatro da manhã, e eu pagaria o café. Eu não sofro, para mim não é difícil acordar às quatro da manhã. Acordo sem despertador. No sábado também, nos feriados também. O telefone não toca, Nili dorme, e se tem outras pessoas na casa, estão dormindo também, são as horas nas quais ninguém precisa de mim. Em Arad eu ia caminhar no deserto antes do nascer do sol, porque o deserto começava a cinco minutos de casa. Aqui eu às vezes caminho no parquinho, ou à toa pelas ruas, pois acho isso interessante. As janelas estão escuras, a não ser quando deixam a luz do banheiro acesa. Muita gente deixa a luz do banheiro acesa durante a noite. Talvez achem que isso vai atemorizar os ladrões. Ou talvez deixem a luz acesa para o caso de o filho acordar no meio da noite. Talvez achem que a morte não virá se a luz do banheiro estiver acesa.

Uma vez havia uma mulher numa janela iluminada, às quatro e meia da manhã, olhando para a escuridão. E eu parei e fiquei olhando para ela de dentro da escuridão. Não pelo motivo que você está imaginando. Seja como for, não apenas pelo motivo que você está imaginando. Olhava para ela da escuridão e perguntava a mim mesmo o que lhe teria acontecido a uma hora daquelas. Depois ela se afastou da janela e apagou a luz, ou ficou lá olhando para a escuridão, e eu continuei a caminhar, mas saí de lá com a primeira semente de uma história. Que ainda não escrevi. Talvez escreva um dia, talvez nunca.